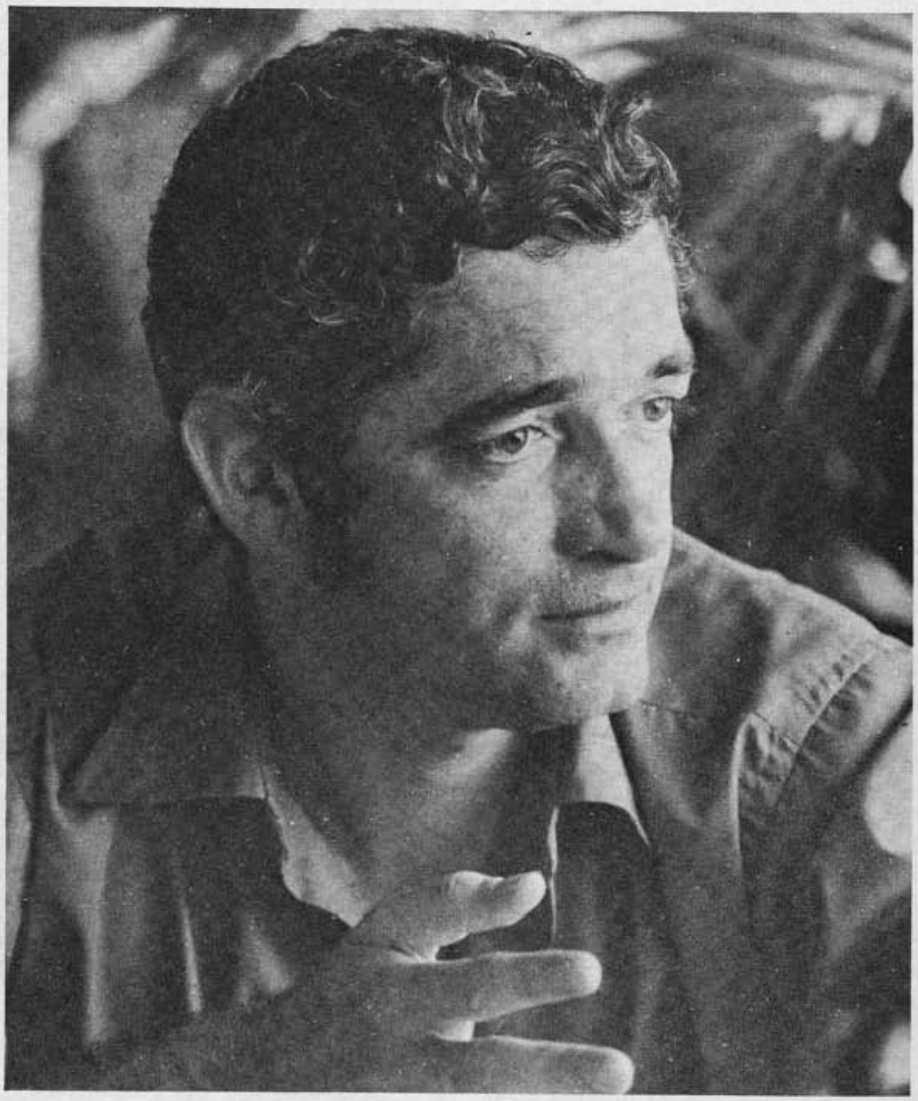
JACQUES DEMY — CIDADÃO DE HOLLYWOOD

Entrevista a Marcos Ribas de Faria



JACQUES Demy, o cineasta de *Lola* (Lola, a Flor Proibida), Prêmio Louis Delluc, 1961, e de *Les Parapluies de Cherbourg* (Os Guarda-Shuvas do Amor), Palma de Ouro em Cannes, 1964, está há dois anos nos Estados Unidos, onde já realizou *The Model Shop*, retôrno ao personagem Lola, novamente com Anouk Aimée. Presente ao II Festival Internacional do Filme, do Rio de Janeiro, Demy não escondeu sua euforia pela oportunidade de fazer cinema em Hollywood, que, continua "muito viva".

"Realizei, com *The Model Shop*, um velho sonho. Conto a história de Lola, dez anos depois, casada e vivendo em Los Angeles. Um filme simples, dentro de meu estilo. Anouk volta a interpretar Lola, ao lado de Gary Lockwood, um dos austronautas de *2001: A Space Odissey*, de Kubrick. Bastou um pequeno orçamento para *The Model Shop*, todo filmado em Los Angeles, com uma equipe cem por cento americana — à exceção do fotógrafo. Meu próximo filme será um musical".

"Ao contrário do que se diz, Hollywood não morreu: continua a produzir bons e maus filmes, como a França ou a Itália. O preconceito anti-americano é idiota. Tanto o cinema de consumo como o chamado 'cinema de arte' ou de 'ensaio' produzem o melhor e o pior. A cultura americana é de grande importância, talvez mais importante, hoje, que a européia. Nos Estados Unidos está a civilização mais adiantada do mundo — isso é irrefutável. Vejo isso sem qualquer conotação política".

"É difícil enumerar meus cineastas favoritos. Seria preciso relacioná-los país por país. Na França, por exemplo, Bresson, meu grande mestre, e um dos maiores revolucionadores da linguagem cinematográfica. Êle pràticamente antecipou tôda uma forma de filmar. Da mesma forma, Godard. Um cineasta da maior importância e, que, sem dúvida alguma, reinventou o cinema a partir de *À Bout de Souffle* (Acossado). Gosto imensamente de Truffaut. É um cineasta diferente, lírico, sóbrio e, que, em seus filmes, mostra todo o amor que tem pelo cinema e pela vida. Sei que há uma corrente que afirma que François se vendeu ao sistema americano, perdeu suas raízes francesas. Considera essa afirmativa a maior falta de caráter. Uma campanha sórdida. Basta ver *Jules et Jim* (Uma Mulher Para Dois) ou *Baisers Volés*. Creio que não surgiu nos últimos tempos um filme tão magnìficamente francês como *Baisers*, Truffaut é inegàvelmente um grande cineasta. Da mesma forma, Rivette, Rohmer, e, dos antigos, Renoir. *La Règle Du Jeu* é uma obra-prima, e todos seus fil-

mes são de grande modernidade. Também Vigo e Ophuls, que pode ser considerado, de uma certa forma, um cineasta francês. Gosto imensamente de *Lola Montès*."

"Dos americanos, gosto muito de Welles, um inventor, de quem aprecio muito *The Lady from Shangai* (A Dama de Shangai). É o filme mais depurado, onde seu estilo e sua revolução alcançam o ponto mais alto. É invenção de ponta a ponta. Hitchcock é outro grande, um dos inventores da linguagem cinematográfica. *Vertigo* (Um Corpo que Cai) é um marco no processo da invenção do cinema. Em Hawks me agradam sua liberdade e seu ritmo, sinônimos de modernidade, de perenidade. E há muitos outros: Minnelli, Cukor, Donen (com ou sem Gene Kelly). O filme musical é aquêle, que, de certo modo, mais fugiu ao eixo teatro-literatura. Era a total liberdade. Ray também é muito importante. Talvez mesmo, o mais incisivamente crítico de todos os cineastas americanos. E há a nova geração: Penn, Andy Warhol, Shirley Clarke e Cassavetes."

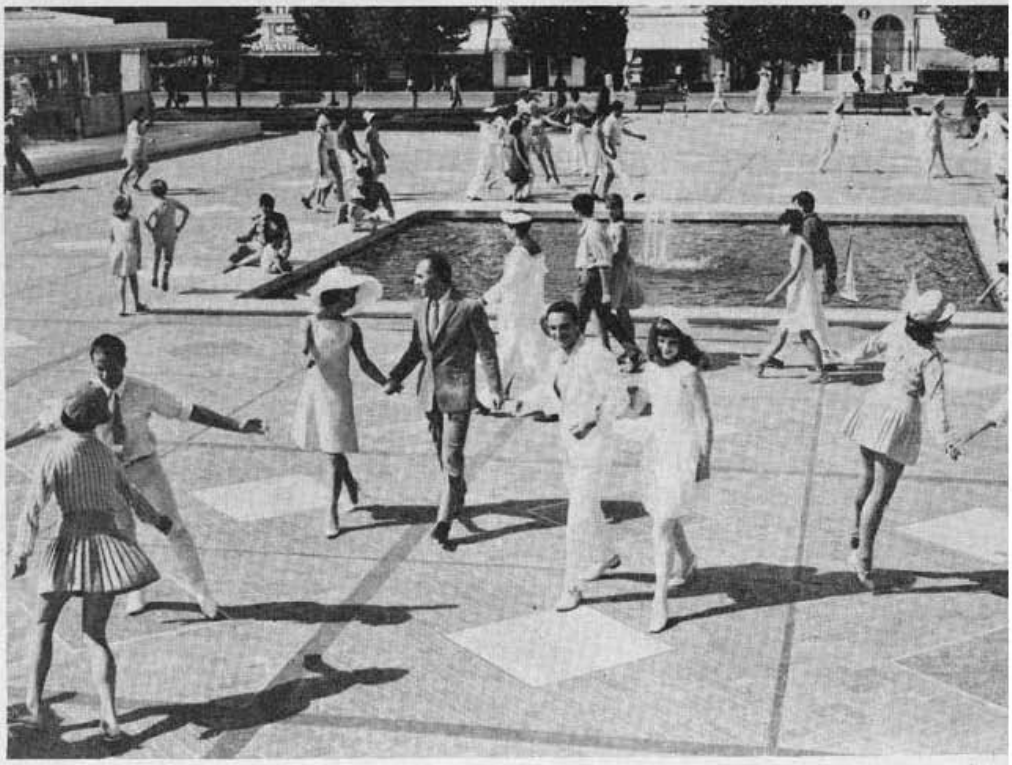
"No cinema italiano, gosto muito de Rossellini, o mais importante. Também de Visconti. E muito de Fellini. *Otto e Mezzo* (Oito e Meio) é muito importante e acho que todos os cineastas deveriam assisti-lo. Entre os japonêses admiro muito Mizoguchi, verdadeiro escultor das formas cinematográficas. Gosto muito de Bergman. E de Buñuel, embora sua carreira seja muito desigual".

"Entre os jovens, gosto imensamente de Bertollucci. *Prima Della Revoluzione* é um grande filme. De Bellocchio. De Jean-Marie Straub, que está muito dentro da tradição bressoniana, e cujo filme *Crônica de Ana Madalena Bach*, é muito bom. Dos novos socialistas, como Vera Chytilova e o húngaro Miklos Jancso. Tôda essa renovação é fantástica, principalmente porque abrange pràticamente todos os países. No Canadá, por exemplo, pràticamente, marcou o início de seu cinema, com Pierre Perrault, Jean-Pierre Lefebvre e tantos outros."

Na Europa vi poucos filmes brasileiros. *Vidas Sêcas*, que acho muito curioso, e *O Pagador de Promessas*, que me revelou um mundo inteiramente nôvo. Infelizmente não vi os filmes de Glauber Rocha *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Terra em Transe*, mas pessoas amigas me disseram que são filmes fantásticos. O filme de Ruy Guerra, *Os Fuzis*, é de grande vigor. Aqui, eu vi *O Padre e a Moça*, um filme fascinante, que tem um forte acento bressoniano, *A Grande Cidade*, muito bonito, lírico. Não gostei de *Cara a Cara*, europeizado.

Marc Michel, Catherine Deneuve — "Les Parapluies de Cherbourg"

Dorleac em "Demoiselles de Rochefort"



Darrieux, Piccoli, Kelly, Dorleac — "Les Demoiselles de Rochefort"